

Experiência e arte: contribuições à formação docente

Experience and art: contributions to teacher education

Maria da Conceição Rodrigues Martins
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
Picos – Brasil
Selva Guimarães
Universidade de Uberaba (UNIUBE)
Uberaba – Brasil

Resumo

Este artigo apresenta um estudo teórico crítico sobre experiência e arte no processo de formação docente, discute a arte como experiência cultural que amplia a compreensão e significados do tempo presente e de diferentes temporalidades. Argumenta sobre o pensar a arte como algo integrado à experiência de vida, como elemento que integra nossa humanidade, nos compõe historicamente/culturalmente, aguçando a estética do olhar, de sentir e viver o mundo de forma crítica e criativa. Para fundamentar essa proposta bibliográfica, utilizamos como referência autores que instigam a reflexão acerca da experiência, afeto e arte; respectivamente, Duarte Jr. (1994; 1998), Vigotski (1999); Spinoza (2009) e Larrosa (2002). A partir de estudos, pesquisas e reflexões sobre experiências, vivências com as diversas linguagens da arte, conclui-se que estas potencializam tanto a formação do professor, quanto ampliam possibilidades de saber, fazer e de sentir a docência.

Palavras-chave: Experiência; Arte; Formação Docente.

Abstract

This article presents a critical theoretical study on experience and art in the teacher training process, discussing art as a cultural experience that broadens the understanding and meanings of the present time and different temporalities. It argues about thinking of art as something integrated into the experience of life, as an element that integrates our humanity, composes us historically/culturally, sharpening the aesthetics of looking, feeling and living the world in a critical and creative way. To support this bibliographical proposal, we used as a reference authors who instigate reflection on experience, affection and art; respectively, Duarte Jr. (1994; 1998), Vigotski (1999); Spinoza (2009) and Larrosa (2002). Based on the studies, research and reflections on experiences with the different languages of art, it can be concluded that these enhance both teacher training and expand the possibilities of knowing, doing and feeling the teaching process.

Keywords: Experience; Art; Teacher training.

Introdução

*Sabe lá, o que é não ter e ter que ter pra dar (...)
Sabe lá, o que é morrer de sede em frente ao mar, sabe lá... (Djavan)¹*

Compreendemos que os versos do artista alagoano não tiveram como inspiração temática algo relacionado à educação e à formação docente, mas de forma metafórica, estes conseguem simbolizar as muitas faltas sentidas e vivenciadas por nós, professores, no processo de formação profissional e no contínuo exercício da docência, dentre as faltas do processo, pomos em destaque o limitado acesso de muitos professores na apreciação das linguagens da arte, algo que pode afetar o que é denominado por saberes da experiência.

Considerando as muitas requisições que integram a formação do professor, dentre elas os saberes advindos da experiência (Tardif, 2014), intentamos refletir sobre o saber/ sentir da docência, que estão para além dos conteúdos específicos dos componentes curriculares, abordamos a experiência com arte, registramos ainda a necessidade de oportunidades de contato, da fruição e estesia dos sujeitos que trabalham sistematicamente com a formação humana em escolas e universidades.

Nesse espaço textual apresentamos parte de nossa pesquisa de doutorado que faz uma defesa da arte como modo de ampliar a formação cultural dos sujeitos da docência, considerando que esta integra nossa humanidade, nos compõe culturalmente, ampliando a estética do olhar, capaz de depurar o mundo de forma crítica e criativa.

Feito esse esclarecimento, nosso objetivo é demonstrar a importância da arte como linguagem que potencializa a experiência docente, na condição de elemento que nos acrescenta culturalmente.

Nos versos da música do poeta que abre essa seção, identificamos ainda outra relevante metáfora para nossa proposta reflexiva: “sabe lá o que é não ter e ter que ter pra dar, sabe lá o que é morrer de sede em frente ao mar (...), acordes que fortalecem nosso manifesto a favor do acesso dos professores às linguagens da arte, seja nas ruas, nos teatros, nos cinemas, em livros e outras tantas manifestações possíveis. Abrir mão desse aspecto formativo é também abrir mão de outros modos de saber/sentir do/o mundo, pois a arte se apresenta como comunicadora e aguçadora dos sentidos, capaz de agregar elementos estéticos ao saber inteligível.

Na condição de docente que trabalha com/na formação de outros docentes, entendemos não ser possível dar, apresentar a outros o que não se recebeu, não se pode divulgar aquilo que não se teve acesso, não se pode encantar, apresentar aquilo que não lhe

foi apresentado e que por isso não houve a experiência do saber ou do sentir, “Morrer de sede em frente ao mar”, complementa a metáfora sobre ser professor, formador sem oportunidade de nutrição cultural. É preciso lembrar que parte dos alunos brasileiros têm contato com a arte literária, com o teatro, oportunidade de apreciar filmes na escola ou na universidade, os que conseguem desenvolver trabalhos formativos em diálogo com as linguagens da arte, passam de certo modo a divulgar algo a mais do que sabem no campo epistêmico, estes conseguem movimentar o saber sensível, comunicando seu saber e seu sentir.

Nessa esteira reflexiva, entendemos que o docente ao entrar em contato com as variadas linguagens da arte e suas ricas possibilidades de desenvolvimento humano, dialóga com artefatos culturais que integram o fazer docente. Nesse sentido, não se pode deslocar o lugar da arte do processo que gera a composição cultural docente a partir das experiências estéticas possíveis: arte, vida e experiência.

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental), é, pois, um encontro, uma relação com algo que se quer provar, experimentar (Larrosa, 2002). Implica vivência, experimento, sentir, ser tocado, algo que exige tempo e capacidade de memória. Quando há experiência, a memória do passado individual entra em conexão com a memória do passado coletivo (Benjamin, 1994).

A experiência benjaminiana tem como espaço as travessias, lugar em que o tempo tem história, sem imediatismo mecânico e/ou funcional, algo que impede a transferência de significados do tempo presente. Assim, valorizar a travessia de agora é tarefa da experiência, queremos pois que na travessia formativa docente, seja ela inicial e continuada, esteja a arte formando, ensinando, encantando, chocando, revelando o que a linguagem eminentemente formal não alcance.

No pensamento de Benjamin (1994), – conjuga-se experiência/sentido. Assim, nos instantes da travessia presente, há conquista do sentido – a efetivação da experiência. A presença da arte ou da experiência estética, porque aqui tratamos de oportunidade, possibilidade de apreciação, na formação de professores requer de nós alguns esclarecimentos que situem o papel da escola, do professor na sociedade contemporânea.

Há a necessidade de reconhecimento da arte como um modo de saber, um saber que não se opõe à Ciência, mas soma-se a esta, por gerar olhar crítico e curioso, acorda o corpo que se põe não só a sentir, mas a pensar e agir. Assim creditamos a ela um modo de conhecer que se ampara na sensibilidade. Em Vigotsky (1999), a ciência contagia a sociedade com suas ideias e propostas, capaz de melhorar, facilitar a vida do homem; do mesmo modo, a arte é uma espécie de sentimento social ou uma técnica de sentimentos .

Nesse sentido, a ausência de políticas de incentivo e acesso ao teatro, cinema, música,

Experiência e arte: contribuições à formação docente

arte literária e dança no Brasil se configura como um impedimento de ampliação cultural dos sujeitos que nutrem culturalmente tantas gerações.

É preciso reconhecer as complexas caracterizações da sociedade, que vive sob a égide da informação (quase sempre imediata) e reconhecer a multidimensionalidade do processo educativo (Candau, 2002), para superar a unilateralidade tecnicista que durante muito tempo reinou quase que absoluta no meio educacional. Trabalhar a formação docente como treinamento técnico é amesquinhar seu caráter formativo (Freire, 2010).

É preciso que os professores possam ter garantia de acesso ao teatro, ao cinema, a literatura, a concertos e outras tantas lutas estéticas que enriquecem a formação humana, tal defesa se sustenta na premissa de que este profissional cotidianamente nutre culturalmente outros sujeitos, sejam eles crianças, adolescentes ou outros adultos.

[...] A arte introduz cada vez mais a ação da paixão, rompe o equilíbrio interno, modifica a vontade em um sentido novo, formula para a mente e revive para o sentimento aquelas emoções, paixões e vícios que sem ela teriam permanecido em estado indefinido e imóvel (Vigotski, 1999, p. 315-316).

Sobre educação, formação e arte, estudiosos brasileiros como Ferraz e Fusari (2010, p. 17) fazem uma incisiva defesa da presença da arte na educação, destacando que:

A educação através da Arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total [...]. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence.

Ao reconhecer a relevância da dimensão experiência/afeto/sentido em um mundo atravessado pelo pragmatismo, se reconhece também a dimensão formativa, pedagógica da experiência e dos sentidos presente no processo, à medida que, com ela e por ela, é possível acrescentar a perspectiva teoria/prática. Nesse processo de valorização da esfera experiencial, é possível recuperar ou dar destaque à perspectiva da subjetividade na constituição da realidade social.

Pensar sobre a categoria experiência como uma potência educativa, de reflexão rigorosa é um modo de interligar as aprendizagens do passado com as descobertas do presente. Há nesse procedimento, um caráter estético na constituição da história social das vivências humanas.

Ao abordar o tema experiência, Jorge Larrosa (2002), nos faz pensá-la como processo de relação, que exige tempo, uma não celeridade, uma não fragmentação. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado “[...] nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara” (Idem, 2002 p. 21).

Em tempo de imediatismos e celeridades, há restritos espaços para experiências (Larrosa, 2002), pois o ritmo do viver é cada vez mais veloz, em suas diversas formas de manifestação.

Nessas circunstâncias de superficialidades das relações humanas, a arte se mostra como uma possibilidade de constituir experiências do sentir, acordar a sensibilidade estética, sem a qual não há experiência cultural, no campo das emoções que não se aparta do campo cognitivo, configurando-se como um todo integrado.

Na contramão do imediatismo, repleto de informações fragmentadas, desejamos reafirmar a raridade da vida permeada, composta por experiências plenas de sentido, abertas à beleza propiciada pelos manifestos da arte e suas múltiplas formas de estesia.

Assim consideramos que o ser humano é marcado e deixa marcas no mundo, afeta e sofre afetações, que se ampliam ou amenizam nossa capacidade de agir, pois não há como separar corpo e mente, conforme assevera Spinoza (2009). Os afetos têm um papel fundamental na filosofia de Spinoza, estes avançam de uma perspectiva teórica para uma perspectiva prática, assim o conhecimento também é alcançado por meio dos afetos (Martins, 2011). Afetar e ser afetado contribuem para a ampliação do que o filósofo denomina: bons encontros, na problemática em questão, o encontro com a arte.

Desse modo, faz-se uma unidade corpo e mente, razão, sentir, subjetividade e objetividade. Como se posiciona o autor: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (Spinoza, 2009. p.163).

Se os afetos são potências passíveis de modificações; de acordo com os encontros estabelecidos, o encontro com as linguagens da arte podem ser afecções potentes no processo de ser e vivenciar a docência.

Em Spinoza, a vida se faz e se refaz no encontro com outras vidas. Nesse movimento, há incidências com os bons e maus afetos, como alegria, tristeza e desejos (Duenha, 2015). São afecções capazes de impulsionar ou refrear sua potência de agir.

Nesse estudo reflexivo, a ênfase centra-se nos encontros com as diversas linguagens da arte, como corpo capaz de motivar bons encontros nas experiências vividas, em especial no processo de tornar-se professor(a).

Não ter experiências com a arte é uma possibilidade de abrir mão de uma extraordinária fonte de desenvolvimento e elevação da criticidade, que articula, gera uma visão particular do contexto objetivo. A arte decompõe os códigos convencionais, põe-nos em desordem, possibilita a *catarse*, um novo olhar, um novo lugar, um novo ser humano (Eco, 2001).

É sob esse outro possível olhar, essa desordem que desejamos refletir sobre a arte como experiência formativa docente, ao nosso ver, indispensável ao processo formativo docente, uma vez que os elementos comunicativos estéticos se integram ao nosso crescimento emocional e intelectual, causando boas afecções, como nos ensina o filósofo dos afetos.

Experiência, arte e formação docente

A experiência da arte, em suas variadas linguagens, tende a provocar um encontro positivo com o processo de formar-se docente, um encontro que pode ser de alegria e potência. Para Snyder (1974), entrar em contato com diversos modelos culturais pode gerar o que denomina de alegria cultural ou satisfação cultural, algo que potencializa a experiência, que nos causa uma certa plenitude, que nos invade quando abrimos diálogos com o que nos faz crescer, a possibilidade de sermos *acrescidos culturalmente* (grifos nossos), (Snyders, 1974).

Portanto a alegria defendida pelo autor francês, relaciona-se a crescimento cultural, assim como o sentido de cultura aqui defendido, se integra à formação humana, ligada diretamente à arte, como construto histórico, lúdico e cultural.

A edificação do conhecimento se dá integrada à composição cultural do indivíduo. Apreendemos e conhecemos o mundo pelos códigos de comunicação que nos são disponibilizados em um determinado tempo e espaço. Na arte, o que há de mais visível é a sua inclinação para comunicar. “A arte não comunica, a arte é comunicação (...), diz Laterzaⁱⁱ. A arte só cumpre a sua função social porque ela é cultural” (Bernardes, 2010, p.138).

O ser humano é essencialmente um ser de cultura. “O longo processo de humanização, iniciado há mais ou menos quinze milhões de anos, se consistiu fundamentalmente da passagem de uma adaptação genética ao meio ambiente natural a uma adaptação cultural” (Cucho, 2002, p. 09-10).

Para Duarte Jr (1994, p. 60), a cultura é a capacidade de simbolizar, denominar os elementos do mundo e de imprimir sentidos e significados para sua vida.

Em essência, pode-se afirmar que educar significa colocar o indivíduo em contato com os sentidos que circulam em sua cultura, para que, assimilando-os, ele possa nela viver [...]. Contudo, essa “assimilação” não deve subtender uma atitude passiva do sujeito. Não se trata de impor sentidos ao educando, de adaptá-lo a significações preexistentes. (Duarte Jr, 1994, p. 60).

Deste modo, educar é proporcionar aos educandos o acesso a uma gama de significações, compreensões; desenvolver a capacidade de ampliar o olhar, a ação e percepção de mundo, de vida. Aprender e apreender constituem um contínuo exercício de descobertas.

A perspectiva de formação cultural aqui delineada, não se atém a uma forma de cultura singularizada, na esfera popular ou letrada, ilustrada, mas a um movimento híbrido de enriquecimento pessoal e de desenvolvimento profissional docente. Uma professoralidade enriquecida por múltiplas linguagens constitutivas do mundo da cultura, notadamente, no campo da arte. No que se refere à formação cultural dos professores, Nogueira (2008, p. 38), expõe que:

[...] o desejável é que ele consiga travar, ao longo de sua vida profissional, contato com o mundo da cultura de forma intensa e diferenciada: que vá ao cinema, que vá ao teatro, que assista a concertos e recitais, que vá a shows e espetáculos de dança, que leia livros literários [...] (Nogueira, 2008, p. 38).

Argumenta-se a favor de uma formação docente vivenciada, desenvolvida em espaço/tempo fértil para/de composição cultural, nutrida por experiências estéticas que promovam um desenvolvimentociência integral, que integre corpo/mente, sujeito/objeto, emoções e intelecto.

Sendo a arte uma das atividades primeiras da humanidade, esta possui um valor fundamental no processo de exploração da realidade. Por essa via, não se trata de algo complementar ou de natureza secundária, mas uma linguagem que integra a historicidade de homens e mulheres nos mais diversos tempos e espaços.

Tais linguagens, como a música, o teatro, a arte literária, a fotografia, o cinema, a dança, as artes plásticas, dentre tantas outras, são componentes formativos, inerentes ao desenvolvimento profissional dos docentes. Nessas linguagens há história, há saber e há sentir, há travessias experienciais, como produção, fruição e estesia.

É possível dizer, então, que arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. Portanto, podemos ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas [...] (Coll, 1995 p. 1).

Ao teorizar sobre estética, Schiller (2014), aborda o que denomina “jogo” ou “impulso lúdico” que interliga razão e emoção. O acontecimento que expressa o humano; que o faz avançar em seus sentidos é a estética, é a natureza do belo, a alegria despertada pela beleza, pela fruição que provoca encantamento.

Nesse estudo, centramos nosso olhar sobre o aspecto do belo como elemento que afeta nossos sentidos, nossa capacidade de enxergar o mundo, de transformar e de ser transformado por ele. “O termo estético origina-se etimologicamente do grego clássico *aisthesis*, refere-se ao conhecimento sensível, através dos sentidos, das sensações” (Martins,

2011, p.312).

A palavra estética tem sido empregada para designar um conjunto de ideias filosóficas que tratam da arte e da beleza, assim estética é uma parte da filosofia que se debruça a explicar experiências de belezaⁱⁱⁱ. Afetar, nesse aspecto, tem o sentido de ser tocado, comovido pelo que os sentidos proporcionam – sentidos que nos fazem ter encontro com o que há de belo.

O conceito de arte é polissêmico, dada a perspectiva que assume no campo epistemológico que envolve afeto, memórias, narrativas, vida e arte. Assim, assumimos o conceito de beleza explorado por Duarte Júnior (1986).

O termo beleza, por vezes, incomoda os que primam pela racionalidade técnica, objetividade e cientificidade, desconsiderando-se o fato de que o termo “não diz respeito às qualidades dos objetos, mensuráveis, quantificáveis, seguindo determinadas normas e padrões estáticos. beleza diz respeito à forma como nos relacionamos com esses objetos. Beleza é relação entre sujeito e objeto (Duarte Jr, 1986).

A arte, enquanto representação da beleza, nos fala do que a linguagem convencional não alcança, não consegue exprimir, denominar, classificar de forma verbal algumas formas do sentir. Tentar vocalizar esse sentir de maneira convencional é correr o risco de não o fazer em sua inteireza. Há sempre algo a escapar, possível de ficar ausente, impossibilitada de definição.

Se a beleza nasce de uma relação, é necessário um encontro, um momento para que o sujeito seja afetado por ela. Acreditar que nasce na consciência, somente no campo subjetivo, apartada de um contexto objetivo, equivale a pensar que não precisamos da música, do teatro, da dança, de contemplar o mar e o pôr-do-sol, de outras tantas possibilidades que se manifestam no mundo concreto.

As atitudes, o sentir, diante da arte não são algo meramente espontâneo. A fruição da arte implica preparação do olhar, um esforço diante da cultura. Para que possamos nos emocionar, o corpo tem que estar aberto ou pré-comovido, para que seja afetado. É sobre essa experiência de afeto, de bom encontro, capaz de causar alegria que impulse, potencialize o nosso existir, nosso saber-fazer no campo educativo que acreditamos ser a arte essencial na formação docente.

Dado o exposto, reafirmamos que a arte que aqui abordamos, se vincula à perspectiva da experiência estética, da vivência cultural, da fruição, dos afetos. Uma forma de interpretação do real, nem superior, nem inferior, mas a que se manifesta na conexão estética entre o sentir e o pensar - beleza que toca nossos sentidos e consciência. Arte assume referência estética quando se integra à experiência humana, quando ressignifica nosso olhar,

nosso sentir, nosso agir.

Nessa compreensão, a experiência estética eleva com intensidade peculiar nossa forma de ver e agir nos mais diversos espaços. A concretização dessa experiência ocorre no contato, na conexão estabelecida entre o apreciador e a produção artística. Deste modo, configura-se como encontro, relação que se calca sobre a plataforma de experiências acumuladas ao longo da vida.

As vivências, os experimentos e aprendizados de vida, de arte são partes integrantes de um organismo dinâmico, dialético de vida. Seguindo esse caminho, Duarte Júnior (2004), nos diz que a beleza habita uma relação, se instala entre o sujeito e o objeto dentro de um contexto histórico. A arte é expressão, manifestação, registro da vida, para a vida. O acesso às manifestações da arte, assinaladas pela criatividade, beleza e inteligência do artífice pode ampliar a nossa humanização.

A arte é o social em nós e, se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e suas emoções pessoais. [...] A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade (Vigotski, 1999, p. 315).

Nessa concepção, as experiências com a arte podem ser consideradas possibilidades de uma formação mais sensível, humanizada, que integra corpo, intelecto e capacidade de sentir o outro e a si mesmo — um modo de equilíbrio à excessiva estima da perspectiva da racionalidade técnica, que pode tornar o olhar estéril e, por conseguinte, os outros sentidos que nos compõem.

Pela sensibilidade, despertada pela arte, é possível olhar o mundo por meio de uma lupa que nos mostra algo a mais: uma visão crítica, criativa, possível de suscitar interpretações acerca do objeto observado, apreciado. Nogueira faz a seguinte defesa:

A Arte é, portanto, uma forma de interpretação do real, nem superior, nem inferior às demais: é apenas mais uma. É também múltipla, pois varia de acordo com suas diferentes modalidades ou linguagens: música, artes visuais, teatro, dança, cinema, fotografia, entre outras (Nogueira, 2008, p.2).

Para Duarte Jr. (1998), a linguagem convencional é conceitual, classificatória, incapaz de traduzir integralmente o nosso sentir, ficando a cargo da arte outra forma de exprimi-los. Propicia, desperta o exercício da sensibilidade, o encontro prazeroso e instigante com outras percepções. Por ser distinta do código linguístico convencional, é capaz de comunicar sentidos, olhares sobre o mundo.

É parte das relações que as pessoas criam com suas experiências, constituintes do viver

Experiência e arte: contribuições à formação docente

originado a partir da objetividade concreta, sendo, ao mesmo tempo, cultura e produtora de mais cultura, não sendo possível, nesse processo, fazer a separação entre a criação e a realidade em que ela se funda. Há uma reciprocidade entre sujeito e objeto, tanto no ato da criação, quanto no momento da fruição artística.

A poesia, a música e outras tantas formas pelas quais a arte se revela nos autorizam a pensar o mundo sob um olhar incomum, que pode tornar-se mais presente em nosso dia a dia, por meio de diversos veículos de comunicação artística, proporcionando outras formas de problematização e cartase.

Uma linguagem, um saber particular, capaz de contribuir para um pensar atento sobre o cotidiano, vejamos duas expressões de arte que nos fazem pensar detidamente, sensivelmente sobre a realidade objetiva, a canção *Alma de Guerreiro*^{iv}, de “Seu Jorge” e no poema *Ausência*^v, de Carlos Drummond de Andrade:

Jorge vem de lá da Capadócia
Montado em seu cavalo
Na mão a sua lança
Defendendo o povo do perigo
Das mazelas do inimigo
Vem trazendo a esperança
Jorge, nosso povo brasileiro
Tem alma de guerreiro. Não cansa de lutar enfrentando
um dragão por dia
Na sua companhia
A gente chega lá
Olhando para o céu eu sou
capaz de ver (Salve Jorge)
Na lua Tropeçando, levantando sempre com você (Salve Jorge)
Na rua. (Grifos nossos).

Por muito tempo achei que a ausência é falta. E lastimava, ignorante, a falta. Hoje não a lastimo. Não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim. E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim. (Grifos nossos).

Os versos de “Drummond, poeta modernista, e os versos cantados pelo artista contemporâneo “Seu Jorge”, carregam consigo o poder de alcançar nosso cotidiano, em casa, no quarto, na rua, no carro, na parada de ônibus, na sala de aula, na biblioteca, na varanda, na vida. Têm o poder de nos afetar e de mover nossa potência de agir, integram nossas experiências.

No uso das metáfora poéticas aqui expostas, reforçamos a proposta de que a formação docente, bem como os espaços educativos formais não podem abdicar da educação dos sentidos, da estética, que não se esgotam em si mesmo, contribuem para o desenvolvimento emocional e intelectual do ser humano (Duarte Jr, 1994).

Para o autor, o inteligível e o sensível foram progressivamente, historicamente apartados. Para quem trabalha com a formação humana, com a educação formal, há que se reconhecer que todo esse processo, também é a história do sentido que nós humanos buscamos causar, afetar o universo; não se pode desconsiderar a importância nem da razão e nem dos afetos, somos seres que desejam sentir e saber sobre o mundo.

A apreciação da linguagem artística suscita o aguçamento dos sentidos, tomando como

base as experiências acumuladas, contidas no eu histórico do sujeito apreciador. As experiências se imbricam com a obra apreciada, estimulando um novo olhar, uma nova compreensão de mundo, das coisas e de si. Assim, pode-se afirmar que há um encontro do eu leitor com uma obra-texto e, esse texto ganha novo significado a partir das experiências contidas, marcadas culturalmente. Portanto, somos resultados de uma gama de encontros formativos no campo da cultura, da economia, da política etc.

Assim ratificamos: a arte integra a experiência de ser, fazer e sentir, afeta tanto o momento presente quanto a perspectiva futura, considerando a dialeticidade da existência humana. É, pois um artefato de alegria cultural, conforme afirma George Snyders (1988).

Asseveramos que a formação docente não pode ser privada desse modelo que valoriza os sentidos, sobretudo em um tempo em que se fala tanto em empatia, diversidade, inclusão e afeto. Perceber, garantir o lugar da arte nesse processo formativo é avançar muito além dos muitos discursos sobre arte e formação docente.

Com base nesses argumentos, reconhecemos que tanto na escola quanto nas instituições de ensino superior, é mister o desenvolvimento de atividades educativas na perspectiva da estética, da boniteza do processo de ser mais (Freire,1994). Experiências estéticas em sala de aula, na formação de crianças, adolescentes, adultos, na educação básica e sobretudo na formação de educadores, podem ser janelas para ampliar o reconhecimento e o respeito da pluralidade de um mundo que se interpenetra com o interior do espaço escolar, afetando positivamente os educandos. O Sensível e o Artístico não podem ser desprezados, quando se busca compreender a constituição do humano (Vygotsky, 1999).

Lembrando Maturana (2002, p.23),

[...] não é a razão o que nos leva à ação, mas a emoção. Cada vez que escutamos alguém dizer que ele ou ela é racional e não emocional, podemos escutar o eco da emoção que está sob essa afirmação, em termos de um desejo de ser ou de obter. Cada vez que afirmamos que temos uma dificuldade no fazer, existe de fato uma dificuldade no querer, que fica oculta pela argumentação sobre o fazer.

Reiteramos os argumentos a favor de se desenvolver, nos espaços educativos formais, a educação dos sentidos, das experiências estéticas. A universidade como agência formadora de formadores é um *locus* onde as experiências estéticas não se esgotam em si mesmas, e contribuem de forma acentuada para o desenvolvimento intelectual e emocional do ser humano (Duarte Jr.1994).

Para Barbosa (2004, p.51), “não é apenas o conhecimento intelectual, [...] que precisa ser revisto; também a afetividade, as reações emocionais, os sentimentos, [...] enfim, os elementos que compõem a subjetividade”. Há diversas linguagens artísticas como artefatos

Experiência e arte: contribuições à formação docente

culturais de comunicação presentes no cotidiano da vida social dos educandos, que carregam consigo uma gama de experiências de apreciação, criação no campo da arte.

Para essa autora, são fundamentais os investimentos públicos do Estado na esfera cultural. Deste modo, assevera que é preciso “[...] propiciar meios para que os professores desenvolvam a capacidade de compreender, conceber e fruir arte (op. cit., 2008, p. 14).”

Ciente de que o exercício da docência põe em movimento variados saberes, ainda que distintos, complementares, nesse exercício “(...) o tempo de aprendizagem do trabalho não se limita à duração da vida profissional, mas inclui também a existência pessoal dos professores, os quais, de um certo modo, aprenderam seu ofício antes de iniciá-lo” (Tardif, 2014, p. 79). Assim, as experiências formativas que envolvem a arte e o que definimos como composição cultural docente são elementos caros que devem ser levados em consideração em nosso processo formativo.

Sobre essa questão, a formação cultural docente é referida no Plano Nacional de Educação -PNE (2014-2024), de forma pontual, os Art. 2º e Art. 8º, (BRASIL, 2015, p. 43-46), respectivamente, estabelecem:

Art. 2º São diretrizes do PNE: inciso IV - melhoria da qualidade da educação; VII destaca a: promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do país; inciso IX - valorização dos (as) profissionais da educação;
Art. 8º § 1º Os entes federados estabelecerão nos respectivos planos de educação estratégias que:
I - Assegurem a articulação das políticas educacionais com as demais políticas sociais, particularmente as culturais.

Bem sabemos que o que apregoa os mecanismos legais, nem sempre se concretizam em campo real, o acesso às diversas manifestações da arte se mostra relevante, mas ainda escasso para muitos de nós, causando como desdobramento, prejuízos formativos, tanto para o desenvolvimento profissional dos professores, quanto para o universo cultural em que estes atuam.

Para Duarte Jr (1994, p.32):

Durante a experiência estética equilibram-se as faculdades intelectivas e emocionais. Diversamente da experiência cotidiana, rotineira, não é mais o intelecto que orienta a percepção, em função de uma prática, mas sim há o equilíbrio entre razão, sentimentos e imaginação. (Duarte Jr, 1994, p.32).

Para o autor, a educação é uma atividade que desperta criatividade, beleza, o sentido do jogo, do brinquedo, do envolvimento e do prazer. Aguça nossa vida e amplia nossa visão de mundo. Portanto, “a relação educacional é, sobretudo, uma relação de pessoa a pessoa, humana e envolvente” (Duarte Jr; 1996, p.74).

Considerações finais

Ao pensarmos sobre a arte como experiência humana e formativa, sendo um relevante componente cultural da nossa sociedade, capaz de propiciar variadas leituras de mundo, de vida, capaz de gerar mais humanidade, reforçamos a importância do seu lugar na formação docente.

Erguemos a voz para dizer que a educação estética ocupa-se da arte como experiência, do despertar da apreciação, do gosto, algo que atinge camadas profundas e diversas, múltiplas e históricas de nossa subjetividades e da coletividade que integramos.

A experiência estética concretiza-se na relação sujeito e objeto artístico, fruição e elementos da arte, fruição suscitada a partir de outras experiências trazidas pelo corpo apreciador. De tal modo, quanto mais se aprecia arte, amplia-se o a estesia, o sentido do mundo e das coisas que compõe o mundo, quanto mais se tem contato com a beleza, maior é a capacidade interpretativa de suas variações, intensifica-se o despertar da criatividade e da sensibilidade, algo potencializador de uma rica e dialética composição cultural.

Se a experiência com a arte nasce do encontro, este não se localiza nem no sujeito, nem em si mesmo, mas no processo do achado, na relação partejada por certo apreço, onde o sujeito é afetado pelo objeto estético, o momento de experiência estética: vida e arte.

Portanto, a arte como experiência é constitutiva do processo de formação de professores, sujeitos que pensam e sentem, cognitivos e emotivos.

Nos muitos saberes da docência, as dimensões teóricas, pedagógicas, políticas, técnicas, éticas e estéticas estão imbricadas. Na formação, a busca permanente, no nosso modo de ver, é pela valorização da arte em suas diversas linguagens, como experiências estéticas.

Nessa concepção, a arte possui e desperta possibilidades férteis para criar, inovar, impulsionar a imaginação e, por conseguinte, enriquecer os processos educativos, por ser uma representação eminente do sentir humano, em todas as esferas da vida.

A experiência como fruição, produção e estesia, pode forjar uma consciência da afecção despertada por uma vivência (artística). Interações que motivam a satisfação dos sentidos, da beleza, capaz de impulsionar a potência do agir (Spinoza, 2009).

Essa é a proposta aqui anunciada: o reconhecimento de que a experiência em arte estimula a ampliação de vivências proativas, no sentido de ressignificação da vida humana, historicamente, esteticamente e culturalmente situada, algo fundamental, no processo de formação permanente de professores e professoras.

A partir de nossos estudos, afirmamos que no exercício da profissão docente, o não acesso a elementos de cultura situados no campo da arte, é uma forma também de limitar a

desempenho, desenvolvimento de profissionais que dialogam cotidianamente com as novas e variadas gerações, sobretudo nos espaços de educação formal que acolhem sujeitos em pleno processo de desenvolvimento.

Referências

BARBOSA, A. M. Por que e como: arte na educação. In: MEDEIROS, Maria Beatriz (Org). **Arte em Pesquisa**. ANPAP, Brasília, 2004. p.48-51.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

BERNARDES, Sueli Terezinha de Abreu. **Arte e filosofia na professoralidade**. Curitiba: CRV, 2010.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**,2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009>. Acesso em 24 de setembro de 2021.

CANDAU, Vera M. **A didática em questão**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 1995.

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed.Bauru: EDUSC, 2002.

DUARTE JR., J. F. **Fundamentos estéticos da educação**.5. ed. São Paulo: Papyrus, 1998.

DUARTE JR., J. F. **o que é beleza?** São Paulo: Editora Brasiliense.1986.

DUARTE JR., J. F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Tese de Doutorado UNICAMP: Campinas SP .2004.

DUARTE JR., J. F. **Por que arte-educação?** 9. ed. São Paulo: Papyrus, 1994.

DUENHA, Milene Lopes. A potência transformativa dos encontros: Presença partilhada nos des-territórios da arte. **VIII Congresso da ABRACE** –UFMG Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://portalabrace.org/viiicongresso/resumos/territorios/DUENHA%20Milene%20Lopes>. pdf. Acesso em 17 de março de 2019.

ECO, U. **A literatura contra o efêmero**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 fev. 2001, Caderno “Mais” Disponível em: <http://biblioteca.folha.com.br/1/02/2001021801.html> Acesso 05 de fevereiro de 2017.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria Felisminda de R. e. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

LARROSA, Jorge. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19. São Paulo, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002.

MARTINS, Mirian C. F. Dias. “Arte, só na aula de arte?”. **Revista Educação**. Porto alegre. V.34n 3, p.311-316, set/dez. 2011.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na educação e na Política**. 3ª. Edição-Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

NOGUEIRA, Monique Andries. **A formação cultural de professores ou a arte da fuga**. Goiânia: Editora da UFG, 2008.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2014.

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

SNYDERS, Georges. **Pedagogia Progressista**. Coimbra: Almedina, 1974.

SPINOZA, Beneditus, **Ética / Spinoza**; [tradução de Tomaz Tadeu]. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional** Petrópolis: Vozes, 2014.

VYGOTSKY, L. **Psicologia da Arte**. São Paulo, Martins Fonte,1999

Notas

ⁱ Djavan, Esquina – disponível em: <https://www.vagalume.com.br/djavan/esquinas.html> Acesso em 8 de janeiro de 2018

ⁱⁱ Moacyr Laterza foi filósofo, professor da UFMG, destacou-se sobretudo por pensar a arte numa perspectiva filosófica. Sua vida e obra é objeto de estudo da pesquisadora Sueli Teresinha de Abreu Bernardes (BERNARDES, 2010).

ⁱⁱⁱ Essa conceituação de unir beleza e estética advém do século XVIII, com filósofos como Baumgarten e Kant (DUARTE Jr.1986).

^{iv} Alma de Guerreiro, Seu Jorge, Disponível em:<https://www.vagalume.com.br/seu-jorge/alma-de-guerreiro.html>. Acesso em 20 março 2018.

^v Ausência. Carlos Drummond de Andrade, Disponível em: <https://www.revistabula.com/391-os-dez-melhores-poemas-de-carlos-drummond-de-andrade/> Acesso 20 de março 2018.

Sobre as autoras

Maria da Conceição Rodrigues Martins

Professora da Universidade Federal Piauí (UFPI), Doutora em Educação (UFU) Membro do Grupo de Pesquisa em Ensino de História e Geografia (GEPEGH-UFU).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7447-6568>

E-mail: prof.con@ufpi.edu.br

Selva Guimarães

Professora Titular da UNIUBE nos Programas de Pós-Graduação da Uniube. Professora do PPGED/UFU. Doutorado em História pela USP. Pós-Doutorado em Educação pela UNICAMP (2007) e Estágio Sênior em Didáctica de las Ciencias Sociales na UAB (2016). Pesquisadora de Produtividade do CNPq nível 1 B.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8956-9564>

E-mail: selva@ufu.br

Recebido em: 25/07/2023

Aceito para publicação em: 10/11/2023